

Internet, geração Y e saúde: um estudo nas comunidades de Manguinhos (RJ)

Internet, generation Y and health: a study in Manguinhos' communities (RJ)

*Internet, generación Y y salud: un estudio en las comunidades de Manguinhos
(RJ)*

André Pereira Neto¹

Leticia Barbosa²

Stephanie Muci³

Resumo

A Internet é uma das principais tecnologias de informação e comunicação na atualidade. Ela trouxe mudanças em diversos campos da sociedade, inclusive na saúde. Ainda que seu acesso tenha aumentado ultimamente, a exclusão digital persiste, principalmente entre excluídos sociais. Foi realizada uma pesquisa buscando verificar a situação de exclusão digital em comunidades urbanas de baixa renda e avaliar o padrão de consumo de informações de saúde na Internet. Foi aplicado um questionário a adultos jovens, moradores das comunidades de Manguinhos (RJ) enquanto aguardavam a consulta na sala de espera de unidades básicas de saúde pública. Apesar da amostra se restringir a 229 questionários, os achados indicam que a exclusão digital está diminuindo, entre estes indivíduos, graças às tecnologias móveis. O estudo, embora pequeno, sugere que o uso desta tecnologia esteja aumentando como fonte de informação sobre saúde.

Palavras-chave: Internet. Informação em Saúde. Geração Y.

Abstract

The Internet is one of the main technologies for producing and disseminating information nowadays. It brought changes in various fields of society, including health. While its access has increased over the years, the digital divide persists, especially among socially excluded. A research was conducted to verify the digital exclusion in urban low-income communities and to evaluate the online health information consumption. A questionnaire was administered to young adults, residents of Manguinhos' communities (RJ), while waiting for medical appointment in Primary Care Clinic's waiting room, linked to the National Health System.

Although the sample is restricted to 229 questionnaires, the findings indicate that the digital divide is reducing among these individuals, thanks to mobile technologies. The study, although small, suggests that the use of

Acesse este artigo online	
QR CODE: 	Website: http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci
	DOI: http://dx.doi.org/10.5216/c&i.v19i1.35602

¹ Pós-Doutorado em Sociologia da Saúde pela Universidade da Califórnia (UCSF). Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio). Brasil, RJ, Rio de Janeiro. E-mail: andreperiraneto@gmail.com

² Mestranda em Comunicação e Informação em Saúde pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (ICICT/FIOCRUZ). Graduação em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Brasil, RJ, Rio de Janeiro. E-mail: leticiatbs@gmail.com

³ Graduada em Ciências da Saúde Internacional pela Universidade de Georgetown (GU). EUA, Califórnia, São Francisco. E-mail: slm92@georgetown.edu

this technology is increasing as a source of health information.

Keywords: Internet. Health Information. Generation Y.

Resumen

El Internet es una de las tecnologías clave para la producción y difusión de información hoy en día. Ella trajo cambios en diversos ámbitos de la sociedad, incluida la salud. Aunque el acceso ha aumentado, la brecha digital persiste, especialmente entre excluidos sociales. Se llevó a cabo una investigación a comprobar la exclusión digital en las comunidades urbanas de bajos ingresos y evaluar la búsqueda de información de salud en línea. Se aplicó un cuestionario para adultos jóvenes, residentes de Manginhos (RJ), mientras esperaban la consulta en la sala de espera de clínicas de atención primaria vinculadas al Sistema Nacional de Salud. Aunque la muestra se limita a 229 cuestionarios, los resultados indican que la brecha digital se está reduciendo entre estos individuos, gracias a las tecnologías móviles. El estudio, aunque pequeño, sugiere que el uso de esta tecnología está aumentando como una fuente de información de salud.

Palabras clave: Internet. Información de Salud. Generación Y.

1 INTRODUÇÃO

A Internet é uma das principais tecnologias de informação e comunicação na atualidade. Ela trouxe mudanças em relação à forma como nos comunicamos e nos relacionamos, configurando novos espaços para encontro, comércio e troca de conhecimento (CASTELLS, 2003). Sua popularização está promovendo reconfigurações nas práticas socioculturais e urbanas e nas formas de produzir e consumir informação (BRIGGS; BURKE, 2004).

Entretanto, a expansão do acesso à Internet não está sendo realizado de forma semelhante em todo o planeta, conformando a problemática conhecida como *exclusão digital*, seja por problemas econômicos, localização geográfica ou domínio da tecnologia. Assim, indicadores socioeconômicos como escolaridade e renda *per capita* incidem consideravelmente sobre as diferenças no acesso e uso da Internet (WAGNER *et al*, 2005). No contexto brasileiro, o acesso à Internet tem aumentado nos últimos anos. As pesquisas nacionais realizadas pelo “Comitê Gestor da Internet no Brasil” indicam que houve um crescimento de 25% no acesso domiciliar a Internet entre 2008 e 2013 (BARBOSA, 2014). Apesar desta ampliação, a exclusão digital ainda persiste no país na medida em que 57% dos domicílios em 2013 não possuíam acesso à internet (BARBOSA, 2014).

Neste contexto mais geral, o consumo de informação *on-line* tem crescido entre os internautas (COTTEN; GUPTA, 2004; WEAVER *et. al*, 2010). A adoção em larga escala da Internet está acarretando transformações em diversos campos da sociedade. A saúde não é uma exceção neste cenário. Ela é uma das temáticas mais pesquisadas na rede e se configura como uma das áreas na qual há uma crescente quantidade de informação disponível (VANBIERVLIET; EDWARDS-SCHAFFER, 2004). A prática de pesquisar informações sobre sua condição de saúde tem se tornado recorrente entre os internautas, contribuindo para reconfigurações na relação médico-paciente e ações voltadas para promoção da saúde (GARBIN *et. al*, 2008; *idem*, 2012).

Jovens entre 18 e 27 anos tem sido o foco de pesquisas acadêmicas e mercadológicas nas últimas décadas. Conhecidos como “Geração Y”, eles encontram-se em constante conexão, sendo considerados os mais proeminentes usuários da Internet e demais TICs (TAPSCOTT; WILLIAMS, 2006). Estes jovens são considerados “Nativos Digitais”: indivíduos que nasceram e cresceram em um mundo onde o aparato tecnológico eletrônico imbricou-se, cada vez mais, com suas rotinas e tarefas cotidianas, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional (PRENSKY, 2011).

Considerando as especificidades comportamentais da Geração Y, assim como o multifacetado panorama no qual a temática Internet e saúde está inserida, a pesquisa que deu origem a este artigo foi desenvolvida junto a alguns jovens moradores de comunidades de baixa renda, na cidade do Rio de Janeiro. Os usuários foram abordados na sala de espera do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF) e da Clínica de Saúde da Família Victor Valla, enquanto aguardavam o momento da consulta médica.

O Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria é um dos departamentos da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), da Fundação Oswaldo Cruz. Ele atende a população moradora de Manguinhos, prestando assistência multidisciplinar através da prevenção, promoção e cuidados de saúde, além de atuar na área de ensino e pesquisa. Atualmente, o Centro de Saúde coordena, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, o projeto Teias-Escola Manguinhos. Responsável pela gestão da atenção primária de saúde, tal iniciativa adota a Estratégia Saúde da Família (ESF) como ordenadora do sistema de saúde local (TEIAS, 2014), sendo a Clínica Victor Valla uma de suas partes integrantes.

Ambas as unidades de saúde são responsáveis pelo atendimento da população adscrita de Manguinhos, região localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro com cerca de 36 mil habitantes. Cabe ressaltar que a área geralmente referida como Manguinhos é composta por

comunidades singulares em relação ao seu processo de constituição e perfil socioeconômico. Ainda que consideráveis discrepâncias possam ser observadas entre as comunidades, elas compartilham, no cômputo geral, uma realidade de exclusão social, marcada pelo desemprego, analfabetismo, vulnerabilidade, descaso governamental e violência (FERNANDES; COSTA, 2013; PIVETTA et al, 2011).

Neste artigo foi verificado se estes jovens eram ou não excluídos digitais e avaliado o padrão de consumo de informações de saúde na Internet. Foi questionado, sobretudo, que lugar a saúde ocupa na busca de informações *on-line*. Procurou-se abordar estas questões através de uma observação restrita a 229 jovens de comunidades da baixa renda, usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

2 MÉTODOS E TÉCNICAS

Este trabalho é um estudo exploratório, pois visa conhecer melhor esta realidade, seu significado e o contexto onde ela se insere. Um estudo exploratório visa conhecer o comportamento humano no contexto social onde ele ocorre (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995). Como esta realidade é pouco conhecida, este tipo de estudo se impõe como uma alternativa para a formulação de hipóteses e questões para futuras pesquisas, evitando induções precipitadas. O estudo exploratório tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema que a realidade da investigação apresenta ao pesquisador. Com ele, este problema se torna explícito (GIL, 1999).

Este estudo procura conhecer a realidade de alguns jovens moradores de comunidades de baixa renda que residem em Manguinhos, no Rio de Janeiro e que aguardavam a hora da consulta em uma sala de uma clínica de atenção primária vinculada ao Sistema Único de Saúde (SUS). Estes jovens estão, portanto, inseridos no sistema público de atenção à saúde – condição que não é compartilhada por todos os jovens de Manguinhos. Em alguma medida, esses jovens possuem uma rotina médica tangenciada pela estratégia de prevenção e promoção da saúde. O recorte etário deve-se à possível relação distinta de familiaridade com a Internet e uso intensivo que esta geração possui com as novas tecnologias de informação e comunicação.

Trata-se, portanto, de um estudo exploratório, pois não pretende apresentar generalizações a partir dos achados da pesquisa.

A coleta de dados deste estudo foi realizada a partir de um questionário com perguntas fechadas. O processo de amostragem utilizou o método de amostra por conveniência, e seguiu

critérios relacionados à faixa etária, local de residência e utilização dos serviços de atenção primária oferecidos pelo Sistema Único de Saúde.

Foi construída uma ferramenta com 13 questões, agrupadas em três seções: “identificação”, “acesso à Internet” e “acesso à Internet para informações sobre saúde”. A primeira seção foi projetada para identificar o perfil socioeconômico do participante. A segunda visava verificar como estes jovens adultos acessavam a Internet. As variáveis investigadas, neste caso, incluem a tecnologia utilizada, o local a frequência de acesso. A terceira seção foi destinada a avaliar o comportamento destes jovens adultos na busca de informação sobre saúde na internet. As questões foram direcionadas para avaliar o tipo de informação sobre saúde pesquisada na Internet, sua frequência e seu momento do acesso. Além disso, este artigo pretende verificar os fatores motivacionais envolvidos (privacidade, conveniência e curiosidade) e a questão da confiança na informação.

A ferramenta foi aplicada entre os dias 31 e Outubro e 27 de Novembro de 2013, totalizando um período de cinco semanas. No momento de sua aplicação, o participante deveria atender aos seguintes critérios: 1) identificar-se como um atual usuário da Internet; (2) ser homem ou mulher com idade entre 19 e 24 anos; (3) residir atualmente em Manguinhos; e (4) concordar em participar desta investigação.

Foi realizado, portanto, um estudo exploratório com um grupo específico de jovens que residem em comunidades localizadas no bairro de Manguinhos, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. O instrumento de pesquisa utilizado considerou apenas três variáveis: a condição socioeconômica, a faixa etária e a inserção no Sistema Único de Saúde.

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola Nacional de Saúde Pública, no Rio de Janeiro, Brasil, sob o nº de parecer 460.098, e recebeu o apoio do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF) e da Clínica da Família Victor Valla para sua realização.

Os resultados obtidos serão comparados com os apresentados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (BARBOSA, 2014) e pelo *Pew Research Center* (FOX, 2011). Estas duas instituições realizaram recentemente pesquisas nacionais sobre o perfil de consumo de informação na Internet. No primeiro caso o trabalho foi desenvolvido no Brasil enquanto que no segundo a amostra revela a tendência nos Estados Unidos da América. Outros estudos semelhantes também foram utilizados como referência neste trabalho (SILVA *et al*, 2011; FNAZCA SAATCHI & SAATCHI, 2013). Com isso este estudo pretende qualificar seus resultados comparando-os com aqueles obtidos em amostras diferentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil da população que participou da amostra utilizada nesta investigação foi desigual em relação ao gênero: 74,1% dos participantes eram mulheres e 25,9% homens. A distribuição etária foi razoavelmente uniforme, com média de idade em 21,1 anos, em uma população de 19 a 24 anos de idade. Em relação à escolaridade, a maioria dos entrevistados tem o ensino médio completo (32,5%), e apenas 10,9% da população completou o ensino fundamental. Grande parte do grupo pesquisado pertence à classe D e E (78,1%), com a renda familiar em média de até dois salários mínimos - isto é, R\$ 1.356,00, de acordo com o piso nacional vigente em 2013.

Como mencionado anteriormente duas questões mobilizaram a realização deste trabalho. A primeira refere-se à exclusão digital e a segunda trata do perfil de consumo de informações de saúde *on-line* por jovens em Manguinhos (RJ). Será discutida inicialmente a questão da exclusão digital.

Os dados desta pesquisa indicam que estes jovens de Manguinhos acessam a Internet. Das 229 pessoas inicialmente abordadas, 87,8% (N=201) afirmaram utilizar esta tecnologia. Por esta razão, elas se tornaram elegíveis para completar o questionário com seus dados demográficos e seu perfil de consumo de informação.

Este resultado foi muito mais alto do que aquele encontrado na pesquisa nacional realizada pelo CGI em 2012. Este *Survey* nacional indicou que o acesso à Internet nas classes D e E é de cerca de 20%. Esta discrepância talvez possa ser explicada pelo fato do CGI não associar, neste caso, o perfil socioeconômico com a faixa etária.

Se forem comparados os resultados que obtidos em relação à faixa etária, o acesso e frequência de uso entre os jovens pesquisados são compatíveis com a média nacional e estadunidense. Em Manguinhos, 66,7% dos jovens investigados acessam diariamente a Internet. Este percentual é semelhante àquele encontrado no Brasil. Os dados do CGI (BARBOSA, 2014) indicam que 63% acessam diariamente a Internet. Este foi o mesmo índice encontrado pelo *Pew Research Center* nos Estados Unidos (FOX, 2011). Este resultado parece surpreendente, pois o perfil socioeconômico dos entrevistados é muito baixo. Este aspecto os diferencia dos jovens do Brasil e dos Estados Unidos. Entretanto, o padrão de consumo diário de informações na Internet dos participantes desta investigação foi semelhante.

Os resultados da pesquisa apontam que uma parcela da Geração Y que reside em Manguinhos, representada neste conjunto particular de jovens, demonstra índices de acesso e frequência de uso semelhantes ao mesmo grupo etário de classe social, renda e escolaridade

mais elevados. Para este grupo específico, as possíveis restrições decorrentes de seu perfil socioeconômico não impediram sua inclusão digital e familiaridade com o cenário tecnológico contemporâneo. Assim como observado no contexto nacional e internacional, a exclusão digital pode estar diminuindo, e possivelmente descolando-se da exclusão social, ao menos significativamente entre estes indivíduos de faixas etárias jovens que foram interrogados neste trabalho.

É possível que os índices averiguados entre a população amostrada sejam influenciados pelo fato de Manguinhos estar localizado em um espaço urbano, no centro da região metropolitana do Rio de Janeiro, cuja taxa de urbanização (99,3%), é a maior do país (IBGE, 2013). Em zonas rurais, cerca de 77% da população local nunca acessou à Internet, devido principalmente à falta de disponibilidade de conexão na área. Por outro lado, 60% dos moradores de zonas urbanas já acessaram a Internet (BARBOSA, 2014).

Os jovens moradores de Manguinhos entrevistados acessam a Internet principalmente por celular (42,3%), *desktop*/computador de mesa (27,9%) e *laptop* (22,3%), seguido por *tablets* (4,5%), outros (2,5%) e não identificados (0,5%). Os percentuais encontrados nesta amostra são significativamente diferentes daqueles obtido pelo CGI no Brasil em 2012. Na pesquisa nacional, o percentual de uso de *desktop*/computador de mesa entre as classes D e E atingiu cerca de 63%. Mais uma vez, cabe lembrar, que na pesquisa nacional, não estão computados os jovens deste perfil socioeconômico. De qualquer maneira parece que estes jovens de Manguinhos acessam a Internet principalmente por tecnologias móveis.

Os resultados obtidos com este estudo exploratório realizado em Manguinhos são compatíveis com a pesquisa “Panorama da Internet no Brasil”, realizada em 2013 pela agência F-Nazca Saatchi & Saatchi (2013) em parceria com o Instituto Data Folha. Segundo dados desta pesquisa, cerca de 41 milhões de pessoas acessam a Internet pelo celular. Nesse cenário, é possível que o telefone móvel esteja se tornando a porta de entrada à rede. O meio de acesso a Internet averiguado entre estes jovens de Manguinhos também é consonante com o contexto estadunidense. De acordo com dados fornecidos pelo “Pew Research Center” (FOX, 2011), 55% dos jovens adultos utilizam celular para acessar a Internet. Nos dois casos, cabe lembrar, o perfil socioeconômico é distinto daquele encontrado entre os entrevistados. Isso não impede que sejam feitas algumas reflexões sobre estes dados.

Este processo específico de inclusão digital observada em Manguinhos pode estar relacionada, portanto, ao uso do celular como principal meio de acesso à rede *on-line*. A predominância desta tecnologia como principal meio de acesso à Internet parece ser

característico do atual panorama comunicacional. As redes de comunicação sem fio difundiram-se a uma velocidade jamais registrada até o momento por qualquer outra tecnologia comunicacional. A disseminação global da telefonia móvel nas últimas décadas é a face mais visível desse crescimento (CASTELLS *et al*, 2006).

A difusão da telefonia móvel encontra-se atrelada às constantes e rápidas transformações do celular, tanto em seu *hardware* quanto em seu *software* (FIDALGO; CANAVILHAS, 2009). As novas formas de interação e produção de conteúdo, associadas aos múltiplos usos agregados a um só aparelho, tornaram o celular uma expressão da convergência digital midiática (JENKINS, 2009). A disponibilização do acesso ao ciberespaço no aparelho contribuiu para que o meio virtual possa vir a ser considerado o principal meio de informação, superando o impresso. A crescente adesão à telefonia móvel é também compatível com a computação móvel, ubíqua e pervasiva que caracteriza o século XXI: ela está presente na vida dos cidadãos em todo o tempo e lugar (WEISER, 1991). As tecnologias digitais como o celular são propícias aos cenários urbanos contemporâneos de mobilidade e conexão permanentes (LE MOS, 2004). Este parece ser o caso vivenciado pelos jovens de Manguinhos que participaram deste trabalho.

O crescimento da telefonia móvel não ocorreu de modo uniforme. No entanto, a insuficiência e carestia das linhas fixas, o sistema CCP (“Calling Party, Pays”, ou em tradução livre, “Quem Liga, Paga”) e os serviços pré-pagos foram fundamentais para sua popularização, especialmente entre grupos de baixa renda. Nesse contexto, não é surpreendente que os moradores de Manguinhos participantes desta pesquisa revelem que o celular é o principal meio disponível para acessar a Internet. Hoje o Brasil possui o sexto maior mercado mundial de telefonia móvel, sendo o maior da América Latina (CASTELLS *et al*, 2006). Em 2003, o número de celulares superou o número de telefones fixos. Em 2013 cerca de 271 milhões de telefones celulares ativos foram contabilizados no país, atingindo uma média de 1,3 celulares por habitante, dos quais 78,05% estão no sistema pré-pago (TELECO, 2014). Inicialmente o acesso à Internet, via telefonia móvel, possuía pequeno crescimento e baixa penetração, por ser caro, lento e restrito (BITTENCOURT, 2009). Nos últimos anos o custo do serviço tornou-se mais baixo e acessível, principalmente através da conexão 3G e dos planos pré-pagos.

Para grupos de baixa renda como o investigado neste estudo, o investimento em celulares e na Internet móvel pode ser estratégico, por ser mais barato e cômodo. Ainda que o preço de *smartphones* seja alto no Brasil, a relação custo-benefício é mais vantajosa do que a compra de um tradicional computador, cujos custos incluem, além da aquisição, energia elétrica

e contrato para fornecimento de conexão. O acesso à Internet via celular é mais barato e cômodo do que aquele realizado em *Lan Houses*. Os indivíduos podem acessar a rede através de zonas abertas de *WiFi* ou tecnologia 3G, pagando alguns centavos pelo dia que decidir usar. Além disso, cabe lembrar que algumas operadoras não cobram pelo acesso a determinados serviços *on-line*.

O uso de dispositivos móveis não parece implicar em um acesso majoritariamente realizado fora do domicílio: apesar de ser feito através de celulares e demais tecnologias móveis, o maior local de acesso entre os entrevistados ainda é sua residência. Na pesquisa conduzida com alguns jovens de Manguinhos, o percentual de entrevistados que recorrem ao acesso doméstico é 57,7%, com apenas 6% reportando uso de *Lan Houses* (acesso público pago). Estes dados são consonantes aos resultados obtidos pela agência F-Nazca Saatchi & Saatchi (2013) e à pesquisa nacional do CGI, nos quais a residência é o principal local de acesso. Segundo CGI, cerca 66% dos indivíduos entre 16 e 24 anos no Brasil realizam acesso em casa enquanto apenas 29% realizam acesso público pago. Em comparação aos Estados Unidos, o projeto “Pew Internet and American Life” (FOX, 2011) relatou que, em 2003, 45% das pessoas *on-line* de baixa renda acessaram a Internet em casa, o que corrobora as estatísticas nacionais.

Nesse contexto, o entrecruzamento da telefonia e Internet móveis configura o fenômeno denominado de “mobilidade fixa” (WATSON, 2009). Embora dispositivos móveis como o celular possibilitem a desterritorialização do acesso à rede, permitindo permanente conexão em qualquer hora e lugar desde que não haja bloqueios deliberados, é possível que a conveniência e comodidade territorializem o acesso no ambiente doméstico, tornando a residência o principal local de acesso.

Conforme foi possível observar, a popularização de telefones celulares, assim como o barateamento de serviços de conexão móvel, podem ter contribuído para o processo de inclusão digital identificado neste grupo específico de jovens moradores de Manguinhos, descolando possivelmente o binômio exclusão digital-exclusão social.

Entretanto, cabe ressaltar que isto não implica afirmar que a exclusão social foi plenamente erradicada ou que desigualdades socioeconômicas não influenciam no acesso às TICs. Se esta pesquisa tivesse sido feita com moradores mais idosos o resultado teria sido distinto. Se tivesse sido realizada com jovens, no meio rural, com a mesma faixa etária e com o mesmo padrão socioeconômico, o resultado também teria sido diferente. Nada nos garante que o resultado teria sido o mesmo se esta investigação tivesse sido realizada em um universo maior de entrevistados. E o que os jovens entrevistados querem saber na Internet? Em relação

a esta questão os resultados mostram que a Internet é frequentemente utilizada entre estes jovens, inclusive para acessar informações sobre saúde: cerca de 60,2% relataram esse tipo de uso. O percentual encontrado entre esta população é maior que a média nacional, porém compatível com índices estadunidenses. Segundo dados do CGI (BARBOSA, 2014), 40% dos jovens de 16 a 24 anos buscam informações sobre saúde ou serviços relacionados à saúde. Esta é a terceira atividade *on-line* mais realizada no quesito de pesquisa informacional, superada apenas pela busca de informação sobre bens e serviços em geral e entretenimento. Comparando aos Estados Unidos, o “Pew Research Center” (FOX, 2011) estima que 59% dos jovens adultos acessam informação de saúde na Internet. Em relação à frequência do acesso *on-line* para pesquisa deste tipo de informação, 51,6% dos jovens de Manguinhos pesquisados relataram fazê-lo frequentemente, enquanto apenas 9,8% afirmaram fazê-lo raramente. No panorama atual, a Internet torna-se, portanto, uma das principais fontes de informação sobre saúde. O resultado encontrado talvez possa ser explicado pelo fato dos entrevistados estarem em uma sala de espera de um serviço de saúde. Esta condição permite inferir que eles estejam potencialmente interessados em assuntos de saúde. O perfil deste acesso poderá oferecer novos dados para reflexão.

Três aspectos serão ressaltados neste estudo, a partir dos resultados obtidos.

Um primeiro aspecto relaciona-se com a compra de medicamentos *on-line*. Esta pesquisa possibilitou identificar que apenas 7,4% dos entrevistados acessam a Internet para comprar medicamentos. Este percentual é dissonante das práticas de automedicação e do subsequente potencial iatrogênico comumente associado ao consumo de informação sobre saúde na Internet (COELHO 2013). A automedicação pode ser facilitada pelo ambiente virtual, onde há informações sobre sintomas e tratamentos amplamente disponibilizadas, assim como pela facilidade da aquisição de medicamentos sem prescrição médica e por preços mais baixos. Em uma pesquisa realizada com estudantes adolescentes em Fortaleza, o custo elevado e a dificuldade de acesso e atendimento em postos de saúde foram apontados como os principais motivos para a automedicação, em especial entre os estudantes do sistema público de ensino (SILVA 2011).

Os jovens pesquisados em Manguinhos possuem uma realidade que os diferenciam dos relatos geralmente encontrados na literatura acadêmica sobre Internet e automedicação. Por serem usuários da Estratégia da Saúde da Família, possuem uma rotina médica regular, com consultas previamente marcadas nas unidades básicas de saúde onde são acompanhados a longo prazo pela mesma equipe de profissionais. O acesso ao sistema público de saúde, portanto, é

garantido a eles, o que não ocorre em muitos grupos populacionais brasileiros. O acompanhamento médico regular e a longo prazo pode proporcionar conforto e segurança na relação médico-paciente, estimulando o indivíduo a solucionar suas dúvidas quanto a sua condição de saúde e possíveis medicações diretamente com o profissional de saúde. Além disso, como usuários do SUS, estes indivíduos também recebem medicações gratuitas nas unidades básicas em que são atendidos. Este aspecto pode explicar o baixo índice de compra *on-line* de medicamentos. O pequeno percentual de usuários que realizam esta atividade possivelmente o faz para comprar vitaminas ou medicações não disponíveis nos serviços públicos de saúde.

Um segundo aspecto que nos chamou atenção nos questionário foi o percentual de entrevistados que acessa a internet para pesquisar sobre o condicionamento físico e nutrição para si mesmo, um familiar ou outra pessoa (65,6%). Este percentual indica que os moradores de Manguinhos entrevistados parecem estar preocupados com a sua saúde e de sua família, desejam perder peso e alimentar-se melhor. A expressiva preocupação com o bem-estar físico, observada entre os entrevistados, pode ser relacionada, novamente, à especificidade da população pesquisada. Os participantes foram entrevistados na sala de espera de unidades básicas de saúde, onde buscam atenção e orientação médica. Sua inserção formal na estratégia pública de atenção primária e a rotina assistencial por ela prevista submetem os usuários à ordem biomédica. Esta rotina leva os usuários a se habituarem, em maior ou menor medida, às práticas de prevenção e promoção da saúde. A busca por informações pode ser outra dimensão deste mesmo comportamento.

Na Clínica Victor Valla, por exemplo, usuários cadastrados na ESF podem desfrutar gratuitamente das instalações e aparelhos disponibilizados na Academia Carioca. Sob orientação de educadores físicos, eles podem realizar caminhadas, natação, hidroginástica, karatê e dança. Além disso, as duas unidades básicas de saúde da área possuem nutricionistas disponíveis para acompanhar o quadro de nutrição dos usuários. Imersos em uma rotina voltada para a melhoria da qualidade de vida, estes indivíduos podem desejar aprofundar-se na temática, utilizando a Internet como fonte de pesquisa para maiores informações.

Os resultados encontrados neste grupo particular de jovens de Manguinhos são semelhantes àqueles encontrados no estudo realizado nos Estados Unidos. Nele os autores concluíram que informação sobre nutrição e bem-estar é em geral mais procurada do que qualquer outro tópico relacionado à saúde (WEAVER et al, 2010). Para eles a procura por informações *on-line* sobre bem-estar e qualidade de vida na rede demonstra uma postura proativa dos indivíduos em relação à sua saúde. Isso se justifica na medida em que a informação

pesquisada não está necessariamente relacionada a uma doença ou condição de saúde já instalada.

Um terceiro aspecto chamou atenção nos resultados desta pesquisa. O uso recorrente da Internet para acessar informações sobre saúde parece não ter substituído a necessidade do entrevistado em se consultar com um profissional de saúde. Apenas 1,7% daqueles que acessam informação sobre saúde relataram que utilizariam a Internet ao invés de consultar-se com seu médico. Dos pacientes pesquisados, 39% relataram acessar a Internet antes da consulta médica e 32, 2% após a consulta. Estes percentuais apontam possíveis continuidades e rupturas na tradicional relação médico-paciente.

Nos últimos anos, a crescente disponibilidade e acesso à informações através da Internet possibilitou o surgimento do *paciente informado* - um consumidor/paciente que tem informações sobre doenças, condições de saúde, diagnósticos, sintomas, tratamentos e medicamentos (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILLAM, 2008). Estudos sobre esse novo ator na área da saúde sugerem que a aquisição de informação sobre saúde resultaria em um empoderamento do cidadão/paciente. Com isso ele passaria a estar menos disposto a acatar decisões médicas unilaterais. Sua relação com o profissional de saúde estaria sofrendo, portanto, uma transformação. Dentre as possibilidades apontadas por diferentes pesquisadores, a ascensão do *paciente informado* poderia acarretar a desprofissionalização do médico, transformar a relação médico-paciente ou preservar e condenar, simultaneamente, a autoridade e status da profissão médica (Idem).

É possível que os jovens pesquisados não se limitem às informações recebidas pelo médico: aqueles que são curiosos sobre seu estado de saúde muitas vezes parecem optar por pesquisar informações antes da consulta, para se conscientizarem acerca de possíveis diagnósticos ou tratamentos. Outros que desejam se aprofundar no diagnóstico ou tratamento proferido pelo médico decidem acessar informações sobre saúde após a consulta, possivelmente complementando ou comparando as instruções recebidas pelo profissional de saúde. O médico não parece ser mais a única fonte de informação sobre saúde para esses jovens.

A pesquisa realizada indicou que apenas 1,7% dos jovens entrevistados acessam a Internet em vez de procurarem agendar uma consulta médica. Para a maioria dos entrevistados, o consultório médico ainda é a principal fonte de informação e aconselhamento. Estes resultados corroboram com a premissa, apontada em outros estudos (COELHO *et al*, 2013). Esta pesquisa indica que médicos, apesar de não serem a única fonte de informação, continuam sendo o mais importante e reconhecido portador de informação sobre saúde. Os dados indicam

que a confiança destes jovens em relação ao médico, ainda parece existir. Este fato pode ter sido reforçado pela especificidade da população pesquisada neste estudo exploratório. Como ressaltado anteriormente, os jovens pesquisados estão aguardando a consulta em uma sala de espera, imersos, portanto, a uma rotina médica regular. Eles devem estar sendo acompanhados pelo mesmo profissional ao longo de anos, até mesmo desde seu nascimento. A regularidade e estabilidade do acompanhamento podem estimular a confiança e a credibilidade da figura médica. Sua autoridade e prestígio não parecem ter sido abalados com a disponibilidade e rapidez da informação oferecida pela Internet. Como afirmado anteriormente, apesar de ainda considerarem a opinião médica predominante, os jovens entrevistados buscam na Internet uma segunda opinião. Foi possível perceber neste estudo que o *capital social e simbólico* (BOURDIEU, 2007) do profissional de saúde, particularmente do médico, continua significativamente consolidado entre esses jovens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou o perfil de consumo de informações *on-line* de alguns jovens de uma determinada comunidade popular que aguardavam o momento da consulta médica. Os resultados obtidos sugerem uma possível relação entre jovens adultos, Internet e saúde. A população pesquisada usa amplamente esta tecnologia como fonte de informação sobre saúde.

Os jovens de Manguinhos pesquisados, apesar de residirem em uma comunidade de baixa renda, possuem hábitos e comportamentos tipicamente atribuídos à “Geração Y”, da qual fazem parte. São indivíduos que também podem ser considerados digitalmente incluídos, ainda que estejam inseridos em um contexto de exclusão social, possuindo em média baixa escolaridade e renda. A popularização da telefonia e Internet móveis entre o grupo pesquisado parece ter contribuído para o deslocamento entre o binômio exclusão social-exclusão digital. Podemos dizer que o acesso à Internet chegou antes do acesso ao ensino público superior, ao mercado de trabalho, ao aumento da renda ou até mesmo ao saneamento básico.

A inserção desses jovens na Estratégia Saúde da Família influenciou os resultados obtidos. Embora pesquisem informações sobre saúde na rede, estes jovens adultos de Manguinhos continuam confiando no profissional de saúde. Para eles, o médico continua sendo a principal fonte de informação sobre saúde. A contínua submissão à ordem biomédica decorrente da extensão e regularidade do acompanhamento profissional contribui para que os indivíduos pesquisados não substituam a consulta médica pelas informações obtidas na Internet. A orientação profissional para uso e a disponibilização gratuita de medicamentos podem evitar

que os indivíduos pesquisados recorram a automedicação e a compra de medicamentos *on-line*.

Neste estudo exploratório, foi analisado o perfil de um grupo restrito de jovens residentes em uma comunidade de baixa renda, atendidos pela atenção primária da região, ou seja, formalmente inseridos no sistema público de saúde. A fim de explorar variáveis não abarcadas neste estudo de caso, será proposta uma possível agenda de pesquisa sobre o tema.

A primeira hipótese que elaborada a partir deste estudo exploratório foi que uma parcela específica de jovens moradores de comunidades de baixa renda como Manguinhos acessam a Internet. Pesquisas sobre a “Geração Y” de baixa renda são residuais. Estudos futuros poderiam explorar hábitos e comportamento deste grupo etário em outras localidades com perfil socioeconômico similar. Estudos comparativos poderiam ser realizados entre indivíduos desta geração originários de diferentes realidades socioeconômicas, ou com outros grupos geracionais, anteriores ou sucessores à “Geração Y”. Assim seria possível verificar, ou não, esta primeira hipótese.

Uma segunda hipótese relaciona-se com perfil de consumo de informações de saúde *on-line*.

Os entrevistados neste trabalho aguardavam o momento da consulta, ou seja, estavam plenamente inseridos no Sistema Único de Saúde. As respostas sobre a centralidade do médico, a aquisição de medicamentos e as preocupações com dietas e alimentação nos pareceram ser consequência do ambiente institucional em que os depoentes se encontravam. Outras investigações poderiam aplicar a mesma ferramenta a jovens, com o mesmo perfil socioeconômico, inseridos em outros ambientes institucionais, como escolas, clubes, festas, igrejas. O lugar da saúde na busca por informação *on-line* deve ser diferente daquele apresentado neste trabalho. Jovens aguardando consulta em um serviço privado devem ter um padrão de resposta diferente.

As barreiras e as condições de acesso à Internet poderiam ser igualmente exploradas por outras pesquisas. Ações subsequentes à pesquisa de informação, efeitos sobre o estado de saúde e impactos na relação médico-paciente também poderiam ser investigados. Com isso seria aprofundado o conhecimento acerca do comportamento durante o processo de busca de informação sobre saúde entre jovens dentro e fora do que parece ser um de seus principais espaços de sociabilidade: o ciberespaço.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, A. T. Uso de telefones celulares em tempos de convergência: um estudo de caso com pré-adolescentes em Curitiba. **Razón y Palabra**, México, n. 69. p.1-14, 2009. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/Usode%20de%20te...pdf>>. Acesso em: 11 fev 2014.

BRIGGS, A; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg a internet. São Paulo: Zahar, 2004.

CASTELLS, M. *et al.* **Comunicación móvil y sociedad, una perspectiva global**. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology (MIT), 2006. Disponível em: <<http://citep.rec.uba.ar/ubatic/wp-content/uploads/2012/04/Castells-comunicaciones-moviles-y-sociedad1.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

CASTELLS, M. *et al.* **A galáxia internet**: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade. São Paulo: Zahar, 2003.

COELHO, E.; COELHO, A.; CARDOSO, J. Informações médicas na Internet afetam a relação médico-paciente. **Bioética**, Brasília, DF, v. 21, n. 1, p. 142-9, 2013. Disponível em: <http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewFile/728/866>. Acesso em: 11 fev. 2014.

TIC Domicílios 2014. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014. Disponível em: <http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Domicilios_2014_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2014.

COTTEN, S. R.; GUPTA, S. S. Characteristics of online and offline health information seekers and factors that discriminate between them. **Social Science & Medicine**, Filadélfia, v. 59, n. 9, p. 1795–1806, nov. 2004.

FERNANDES, T. M. D. ; COSTA, Renato Gama-Rosa . As comunidades de Manguinhos na história das favelas no Rio de Janeiro. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 19, n.34 p. 117-133, 2013.

FIDALGO, A.; CANAVILHAS, J. Todos os jornais no bolso: pensando o jornalismo na era do celular. In: RODRIGUES, C. (Ed.). **Jornalismo on-line**: modos de fazer, Rio de Janeiro: Sulina, 2009, p. 99-117.

F-NAZCA SAATCHI & SCHAATI. **Panorama do Brasil na Internet**. F. Radar. São Paulo: Datafolha. Out. 2013. 45p. Disponível em:<http://www.fnazca.com.br/wp-content/uploads/2013/12/fradar-13_publica-site-novo.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2014.

FOX, S. (Ed.) **Pew Research Center**. Health topics. Washington, 2011. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2011/PIP_Health_Topics.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2014.

GARBIN, H. B. R.; PEREIRA NETO, A. F.; GUILAM, M. C. R. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. **Interface**, São Paulo, v.12, n. 26, p.579-588, 2008.

GARBIN, H. B. R.; GUILAM, M. C. R.; PEREIRA NETO, A. F. Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 347-63, 2012.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SÍNTESE de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMONS, A. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. **Razón y Palabra**, México, n. 41., 2004. Disponível em: < <http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n41/alemons.html>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.29, n.4, p.318-325, ago 1995.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **MCB University Press**, Irlanda, vol. 9, n. 5, out 2011. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

TAPSCOTT, D.; WILLIAMS, A.D. **Wikinomics: how mass collaboration changes everything**. Portfólio: Nova York, 2006.

TERRITÓRIO ESCOLA MANGUINHOS (TEIAS). **Quem somos**. Disponível em: <<http://andromeda.ensp.fiocruz.br/teias/quem-somos>> Acesso em: 11 fev. 2014.

TELECO. **Estatísticas de celulares no Brasil**. Disponível em: < <http://www.teleco.com.br/ncel.asp>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

SILVA IM, CATRIB AMF, MATOS VC, GONDIM ANS. Automedicação na adolescência: um desafio para saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, Supl. 1, p. 1651-60, 2011.

VANBIERVLIET, A.; EDWARDS-SCHAFFER, P. Consumer health information on the web: trends, issues and strategies. **Medsurg Nursing**, Nova Jersey, v. 13, n. 2, p. 91-96, abr. 2004.

WAGNER, T. H. et al. Free Internet, the digital divide, and health information. **Medical Care**, v.43, n. 4, p. 415-420, Abr 2005.

WATSON, R. **Fixed/mobile convergence and beyond**: unbounded mobile communications. Oxford: Elsevier, 2009.

WEAVER, J. B. *et al.* Health Information-Seeking Behaviors, Health Indicators, and Health Risks. **American Journal of Public Health**, v. 100, n. 8, p. 1520-25, ago 2010.

WEISER, M. The computer for 21th century. **Scientific American**, v. 265, n. 3, 1991, p. 94-104. Disponível em: <<https://www.ics.uci.edu/~corps/phaseii/Weiser-Computer21stCentury-SciAm.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

Recebido em: 14/05/2015

Aceito em: 28/11/2015

Publicado em: 11/10/2016